

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

MAXWELL DA SILVA GOMES

SILVÂNIO LESSA DA SILVA

O DESENCANTO DO ENCANTO DE SER PROFESSOR

Maceió

2019

MAXWELL DA SILVA GOMES

SILVANIO LESSA DA SILVA

O DESENCANTO DO ENCANTO DE SER PROFESSOR

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientador: Prof. Dr. Walter Matias Lima

Maceió

2019

SILVANO LESSA DA SILVA
MAXWELL DA SILVA GOMES

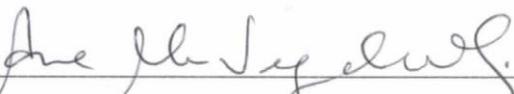
O DESENCANTO DO ENCANTO DE SER PROFESSOR

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 15/05/2019.

Orientador: Prof. Dr. Walter Matias Lima (CEDU/UFAL)

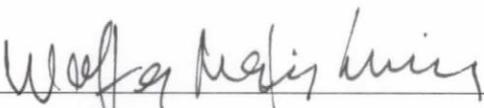
Comissão Examinadora



Profa. Dra. Ana Maria Vergne de Moraes Oliveira (CEDU/UFAL)



Profa. Dra. Anderson de Alencar Menezes (CEDU/UFAL)



Prof. Dr. Walter Matias Lima (CEDU/UFAL)

O DESENCANTO DO ENCANTO DE SER PROFESSOR

Maxwell da Silva Gomes
email: maxwell28gomes@gmail.com

Silvanio Lessa da Silva
email: silvaniolessasls@gmail.com

RESUMO

Este artigo teve como objetivo compreender como se dá, no período de formação, o desencanto pela profissão docente, que repercute para além da universidade, influenciando negativamente o exercício da profissão, ocasionando níveis altos de estresse, depressão e afastamento da função de ser professor. Foi construído a partir de pesquisas bibliográficas em teóricos que estudaram a questão do encanto e desencanto pela profissão, o mal-estar docente e sobre a história da formação docente no Brasil. As pesquisas foram baseadas nos seguintes teóricos: BORGES, AQUINO E PUENTES (2011); CANDAU (2016); CUNHA (2013); FONSECA (2013); GADOTTI (2000); GATTI (2013); ÍÓRIO (2016); KIMURA et al. (2012); NASCIMENTO E RODRIGUES (2018); OLIVEIRA, SOARES E SOUSA (2011); SANTANA, SANTOS E BARROS (2016); SAVIANI (2009); SAVIANI (2011); SAVIANI (2005); SILVA (2011); SÍVERES (2015); TOMAZZONI et al. (2016) e VIEIRA (2016). Buscou-se responder sobre os possíveis agentes desmotivadores que levam os jovens a não escolherem a formação e a profissão docente; ocorrem durante o processo de formação e que desestimula o graduando a se tornar um professor; e, levam o professor, no exercício da sua função, a pensar em parar de atuar. Como resultado dos estudos realizados ficou entendido que diversos fatores ainda produzem um certo encantamento em alguns, os motivando a escolherem a formação e profissão docente. Contudo, dentro da formação, os desencantos começam a serem produzidos e levam muitos a desistência ainda no período de formação e outros já no exercício da profissão. Ficou, assim, clara a necessidade de o governo voltar o olhar de forma muito mais acurada para a categoria docente, bem como da criação de políticas públicas de valorização profissional mais aprimoradas e efetivadas, para, com isso, desencadear, dentro da sociedade, um possível retorno ao encanto pela profissão docente.

PALAVRAS-CHAVE: Encanto. Desencanto. Mal-estar. Formação. Docente.

1 INTRODUÇÃO

Percebe-se que tem havido um desinteresse progressivo pela formação e pela profissão docente. Os jovens pouco têm se interessado em escolherem alguma licenciatura como opção de graduação, e, alguns que optam pelas mesmas, acabam por desistirem no meio do curso ou mesmo no início dele. Ainda tem os casos dos professores que já exercem a função e que acabam perdendo o encanto pela mesma, sendo muitas vezes acometidos por um chamado mal-estar docente e pensando em desistir ou desistindo da carreira. Daí o nosso interesse em compreender o que tem desmotivado jovens a abraçarem essa profissão e professores a desistirem da carreira. O que ocorre durante o processo de formação que desestimula o graduando a se tornar um professor? O que acontece com o professor, no exercício da sua função, que o faz pensar em parar de atuar? Essas interrogativas buscaremos responder, depois de analisarmos alguns pormenores da formação do professor, da sua atuação em sala de aula e de apontarmos alguns supostos fatores que ainda levam alguns a escolherem a profissão docente, amparados pelos autores/teóricos pesquisados ao longo do desenvolvimento do presente artigo.

A profissão docente já foi de prestígio e de valor inestimável, contudo, a partir das reformas dos anos setenta, no Brasil, tem sido menosprezada por parte da sociedade e do poder público. Alguns fatores têm contribuído de perto para que essa desvalorização aconteça, dentre eles, a termo de introdução, podemos citar: o baixo piso salarial que o governo concede a categoria, a ausência e/ou inoperância das políticas públicas em favor da docência, a baixa qualidade dos cursos de licenciaturas espalhados pelo país, destacando, sobretudo, o curso de Pedagogia, dentre outros fatores.

Apontando exatamente essas questões expostas, Candau (2014, p. 34) afirma:

O magistério foi considerado durante muito tempo uma profissão valorizada socialmente, de prestígio e reconhecimento pelo seu potencial humanizador e seu compromisso com a formação para a cidadania. Em geral, está valorização não era acompanhada de condições de trabalho adequadas. O salário dos professores era módico e os estímulos para o desenvolvimento profissional escasso.

Hoje, poucos são os jovens que optam pelos cursos de licenciatura, devido à pouca atratividade dos mesmos, oriundas, sobretudo, pelos baixos salários recebidos pelos licenciados, uma vez formados e no exercício da função. Somada a essa realidade, ainda tem o desrespeito à figura do professor, que vez por outra acaba sendo agredido no exercício da profissão, com frequência na Educação Básica, por alunos e por seus familiares, que desdenham da sua função.

Entendemos que um fator determinante para essa desvalorização da docência diz respeito ao processo de formação, tanto inicial quanto continuada dentro da categoria. A formação inicial tem sido insuficiente, sobretudo dentro dos cursos de Pedagogia, não dando vencimento ao futuro atuar do licenciado, e, a formação continuada não tem conseguido êxito, pois não tem atendido as reais demandas da categoria.

Pensando no processo de formação docente, Cunha (2013, p. 4) afirma que os cursos de licenciatura são os responsáveis por promoverem a formação inicial dos professores que atuarão nos ensinos fundamental e médio, dizendo que “por formação inicial entendem-se os processos institucionais de formação de uma profissão que geram a licença para o seu exercício e o seu reconhecimento legal e público”. Ao se referir a formação continuada, na mesma página antes citada, a autora diz “refere-se a iniciativas instituídas no período que acompanha o tempo profissional de professores”, sendo os sistemas de ensino, as universidades e as escolas as principais agências que mobilizam tal formação.

Outros três teóricos, Borges, Aquino e Puentes (2011, p. 95), apontam a referida questão dizendo que o problema da temática é antigo, mas, também é “atual e as pesquisas mostram a necessidade da continuidade de investigações na área, bem como da busca de políticas educacionais e de práticas consistentes para amenizar os problemas hodiernos”.

Pensando no que dizem os referidos teóricos, percebemos a necessidade de uma formação – tanto inicial quanto continuada – que produza efeito, garantindo qualidade e qualificação profissional reais. Mas, para tanto, os sistemas de ensino, as instituições formadoras, as escolas e o governo, sobretudo, precisam viabilizar da melhor maneira os compromissos que lhe cabem com respeito a valorização da formação docente.

Zanchet, Fagundes e Facin (2012, p. 95), ao pensarem na realidade da profissão docente na atualidade, afirmam: “a docência será uma atividade profissional na medida em que realizarmos uma formação profissional permanente, específica, acreditada e reconhecida”.

A formação docente no Brasil passou e ainda tem passado por inúmeros processos de transformação. Embates têm sido travados sobre essas questões, pois são determinantes para um possível encanto e/ou desencanto pela carreira de professor.

Saviani (2011, p. 8) ao narrar sobre a qualidade do ensino no Brasil, aponta:

A formação de professores se converteu, atualmente, numa das questões mais controvertidas e de maior visibilidade, uma vez que os professores e as instituições formadoras tendem a ser apontados como vilões pelas autoridades educacionais assim como por diversas modalidades de intelectuais influentes na mídia. Contudo, ainda que no Brasil essa questão se revista de particular gravidade, trata-se de um problema de caráter geral que afeta, atualmente, a todos os países em maior ou menor grau.

Gatti (2013, p. 58) falando a respeito do tipo de formação inicial dos professores nas licenciaturas diz “podemos sintetizar essa formação como apresentando currículos fragmentados, com conteúdos excessivamente genéricos e com grande dissociação entre teoria e prática, estágios fictícios e avaliação precária, interna e externa”.

Citando tais compreensões e destacando, além da formação, a falta de uma valorização real aos docentes, por parte do governo e das políticas públicas voltadas a educação, muitos, que até têm interesse em seguir uma carreira docente, ficam diante de um empasse: escolher ou não escolher a carreira docente? Uma vez que existem fatores que produzem o encanto pela área, mas, também, existem muitos outros que promovem o desencanto.

Quais são esses fatores que ainda encantam as pessoas que escolhem uma licenciatura e a carreira docente? Quais são os fatores que levam as pessoas ao desencanto pela formação e pela profissão docente? Como se dar tais questões? Com essas interrogações em mente, fizemos a leitura, sobretudo, de alguns artigos, de diferentes teóricos, para buscarmos encontrar respostas para tais questões.

O presente artigo é de caráter bibliográfico, baseado em leituras acuradas de diferentes teóricos, que discutiram as temáticas docentes a partir de quatro eixos: formação, historicidade, encanto e desencanto e sobre o mal-estar no exercício da profissão.

Vamos relatar o processo que se inicia desde antes da formação, ou seja, antes de uma possível escolha pela docência, passando pela formação e indo até a vida profissional propriamente dita, apontando alguns indicativos do que produz o encanto e o desencanto pela função de professor e o mal-estar no exercício da profissão.

Assim, por entendermos que, passando, mesmo que de forma superficial, na historicidade da formação docente brasileira, entenderemos o porquê desses processos de transformações, iniciaremos o presente artigo com uma breve história da formação docente brasileira. No tópico três apontaremos alguns fatores que contribuem para o encanto pela profissão; no quatro destacaremos o que produz o desencanto; na parte cinco falaremos sobre o mal-estar no exercício da profissão. Concluiremos o artigo apontando alguns possíveis caminhos para despertar um possível reencontro com o encanto pela profissão docente.

2 UMA BREVE HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DOCENTE NO BRASIL

Vieira (2016, p. 124), nos aponta a realidade da especificidade da profissão docente, dizendo: “a profissão docente apresenta, desde os primórdios de sua história, características bem específicas independentes do contexto social, político, econômico e cultural em que está inserida”.

A necessidade da formação docente é antiga, quando pensamos nela nos remontamos ao século XVII, a Comenius, que preconizou a formação docente. Pensando nisso, Borges, Aquino e Puentes (2011, p. 95), dizem:

Em nível global, a necessidade de formação docente fora preconizada por Comenius, no século XVII, sendo que o Seminário dos Mestres, instituído por São João Batista de La Salle em 1684, foi o primeiro estabelecimento de ensino destinado à formação de professores. Mas, somente após a Revolução Francesa, mais precisamente no final do século XVIII, iniciou-se

o processo de valorização da instrução escolar, período em que foram criadas as Escolas Normais com a finalidade de formar professores.

Na mesma página antes referida, eles afirmam que assim nasceu a necessidade de universalizar a instrução elementar e, para tanto, a urgência de organização dos sistemas nacionais de ensino,

Dessa forma, a primeira instituição denominada Escola Normal foi proposta pela convenção, em 1794 e instalada em Paris em 1795. Em sequência, os países como França, Itália, Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos foram instalando, ao longo do século XIX, suas Escolas Normais.

Kimura et al. (2012, p. 12) dizem: “o magistério por um longo período não obteve o status formal de profissão, e por esta razão não era visto como algo que merecesse maiores aprofundamentos no âmbito da formação e adequado preparo para o seu exercício”. Conforme esses autores, a profissão era vista como uma espécie de vocação e/ou sacerdócio e por esse motivo demorou se pensar na mesma como uma carreira profissional.

Ainda, conforme Kimura et al., “na antiguidade, os primeiros mestres de que se têm conhecimento dominavam a retórica, isto é, sabiam utilizar o discurso, além de possuírem conhecimentos relativos às artes, à música e à política” (2012, p. 12), mas não tinham nenhum tipo de formação e/ou preparo para exercerem o ofício. Na Idade Média o ensino esteve tutelado “pela igreja, os mestres daquele período eram os clérigos, os padres das paróquias e dos mosteiros, que da mesma forma não possuíam qualquer tipo de formação específica, tendo na maioria dos casos que aprender a ler para exercer o ofício” (2012, p. 13).

Dessa forma podemos perceber que as funções docentes, nesses dois momentos supracitados, eram relegadas às pessoas que não tinham nenhum domínio para exercê-las. Aqueles que possuíam algum tipo de afinidade com as funções docentes a faziam, e, o princípio que predominava era o de aprender fazendo.

O preparo de professores no Brasil, emergiu pouco tempo depois da independência da nação, quando começou a se pensar sobre a formulação de uma organização para instruir a população. A primeira lei geral brasileira – lei das escolas

de primeiras letras – foi aprovada em 15 de outubro de 1827. Segundo Saviani (2005, p. 12), tal lei, “estabelecia que a instrução seguiria o método do ensino mútuo (lancasteriano) e que os professores deveriam ser treinados nesse método nas capitais das respectivas províncias”.

Saviani (2009, p. 143), distinguiu em seis períodos a história da formação docente no Brasil:

1. Ensaio intermitentes de formação de professores (1827-1890). Esse período se inicia com o dispositivo da Lei das Escolas de Primeiras Letras, que obrigava os professores a se instruir no método do ensino mútuo, às próprias expensas; estende-se até 1890, quando prevalece o modelo das Escolas Normais.
2. Estabelecimento e expansão do padrão das Escolas Normais (1890-1932), cujo marco inicial é a reforma paulista da Escola Normal tendo como anexo a escola-modelo.
3. Organização dos Institutos de Educação (1932- 1939), cujos marcos são as reformas de Anísio Teixeira no Distrito Federal, em 1932, e de Fernando de Azevedo em São Paulo, em 1933.
4. Organização e implantação dos Cursos de Pedagogia e de Licenciatura e consolidação do modelo das Escolas Normais (1939-1971).
5. Substituição da Escola Normal pela Habilitação Específica de Magistério (1971-1996).
6. Advento dos Institutos Superiores de Educação, Escolas Normais Superiores e o novo perfil do Curso de Pedagogia (1996-2006).

Borges, Aquino e Puentes (2011, p. 109) ao relatarem esse quadro de constantes mudanças na formação docente brasileira, pontuam: “pode-se afirmar que a história da formação dos professores, nos últimos dois séculos, explicita sucessivas mudanças introduzidas no processo de formação docente, com um quadro de descontinuidade, embora sem rupturas” e concluem esse pensamento falando:

Por fim, na história brasileira, as políticas formativas evidenciam sucessivas mudanças, contudo ainda não estabeleceram um padrão minimamente consistente de preparação docente para resolver os problemas enfrentados pela educação escolar, principalmente com relação à qualidade do ensino. (BORGES, AQUINO e PUENTES, 2011, p. 109)

Uma vez posto, mesmo que de forma resumida, o histórico da formação docente brasileira, podemos entender que tem sido um assunto de bastante relevância, mas de processos longos, lentos e ainda inacabados.

Uma vez entendendo um pouco da história da formação docente no Brasil, iremos agora pensar em como se dá o encanto pela formação/profissão docente, ou

seja, sobre quais são os fatores que ainda levam alguns a optarem pelos cursos de licenciatura e pela docência propriamente dita, para depois pensarmos nos fatores que produzem os desencantos pela carreira.

3 COMO SE DÁ O ENCANTO PELA PROFISSÃO DOCENTE

Ao pensar no encanto pela docência, nos reportamos aos fatores que levam as pessoas a escolherem os cursos de licenciatura, principalmente, em se pensando no curso de Pedagogia, pois o encanto tem seu início antes mesmo do início da graduação, por conta de fatores que levaram as pessoas a escolherem tal formação.

A escolha pela profissão docente é marcada por fatores internos (pessoais) e/ou por fatores externos e relevantes que induzem os jovens a enveredarem nos caminhos da formação e da carreira docente.

Como apontam Oliveira, Soares e Sousa (2011, p. 3986):

Ainda nos fatores a atratividade para a carreira docente, as representações sociais dos estudantes acerca da profissão docente têm um peso significativo quando se precisa entender a lógica que sustenta a escolha profissional destes sujeitos. Pelo estudo, a atratividade pela profissão docente é mesclada por fatores extrínsecos e intrínsecos que se combinam. Assim, temos motivações assentadas em valores altruístas e a busca por uma estabilidade no emprego público. Quando assentadas mais em motivações intrínsecas, a procura e escolha da profissão docente estão fortemente ancoradas na imagem de si e na experiência cotidiana tais como: amor pelas crianças, pela profissão, pelo dom, o amor pelo saber, etc.

3.1 DESEJO POR TRANSFORMAR A SOCIEDADE

Muitos optam pela carreira docente por nutrirem um sincero desejo de serem agentes de transformação das pessoas e, conseqüentemente, da sociedade, entendendo que por meio da docência, da educação, as pessoas serão transformadas e mudarão o mundo. Tais pessoas se valem da frase de Paulo Freire que aponta para essa realidade, quando diz “educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

Oliveira, Soares e Sousa (2011, p. 3987) no projeto de pesquisa por eles realizado, apontaram que “no contexto dos fatores da atratividade da profissão docente, a pesquisa ainda coloca como fatores da atratividade o desejo dos jovens de serem agentes de transformação social”, destacando assim o fato de que algumas pessoas se encantam pela docência, por entenderem que a mesma tem o poder de transformar a sociedade.

Vieira (2016, p. 129) aponta na mesma direção dos autores citados, falando que a escolha pela docência por parte de muitos é “um desejo por transformar”. Ao pensar na educação contemporânea, partindo por esse viés, Gadotti (2000, p. 7) afirma que a educação que olha para o futuro será “uma educação muito mais voltada para a transformação social do que para a transmissão cultural”.

Síveres (2015, p. 11), aponta ainda que “o encantamento educacional passa, portanto, pela superação do simples desempenho de uma função, para uma proposta valorativa do desenvolvimento humano”, ou seja, da transformação humana.

3.2 ANSEIO PELA ESTABILIDADE FINANCEIRA

Estudos realizados pela Fundação Carlos Chagas (2009, p. 11) apontam que alguns professores escolhem o magistério “pela estabilidade” e pelo fato de que “os salários continuam atraentes se compararmos com outras profissões”. Assim, mesmo com toda deficiência, com a baixa remuneração atribuídas aos docentes no país, muitos ainda optam pela profissão por conta da estabilidade financeira, sobretudo, em um emprego público.

Oliveira, Soares e Sousa (2011, p. 3989) partilham da mesma ideia, afirmando que, a escolha pela docência está relacionada diretamente com a remuneração a ela atribuída, quando dizem “sempre há uma associação com a remuneração”.

3.3 OUTRAS FUNÇÕES QUE PODEM SER EXERCIDAS

Algumas pessoas acabam por optarem pelas licenciaturas, sobretudo pela Pedagogia, pelas oportunidades que se abrem, após a formação, em poderem exercer outras funções.

Síveres (2015, p. 2) afirma que “a opção pelo exercício da docência se dá devido às distintas atuações que o professor pode desempenhar no cotidiano educativo, seja como gestor institucional, como coordenador pedagógico ou como pesquisador acadêmico”, ou seja, as pessoas ainda escolhem a carreira docente por questões que implicam não necessariamente no estar dentro de sala de aula, mas no desempenhar outras funções.

3.4 O SUCESSO DOS ALUNOS

Lório (2016, p. 92), em sua tese de Doutorado, aponta que uma das principais causas de encantamento no exercício docente são as respostas positivas que os alunos dão. Ela assim afirma: “a aprendizagem, o bom rendimento do aluno, tem um impacto direto no bem-estar do professor”, apontando que esse “bem-estar” é subjetivo e traz um sentimento real de autossatisfação, por conta dos resultados da prática docente dentro do processo de ensino-aprendizagem.

A mesma autora aponta ainda que o encanto está “ancorado nas realizações do aluno, na aprovação em concursos ou no ENEM, no ingresso na universidade, enfim, no sucesso dos mesmos no ciclo final do ensino básico” (2016, p. 93). Esses fatores de conquista e de sucesso dos alunos produzem encanto nos docentes, e naqueles que pensam em exercer a docência, por apontarem para os resultados produzidos da ação docente sobre os alunos.

De fato, o professor contribui no desenvolvimento e sucesso dos seus alunos, uma vez que, como afirma Gadotti (2000, p. 8) “nesse contexto, o educador é um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito da sua própria formação”.

Pensando no professor que deve ser um agente ampliador de horizontes, que contribui positivamente para o progresso dos seus alunos, Candau (2016, p. 317) diz:

Acredito em um/a profissional inquieto/a, atento à realidade do mundo e de seus alunos/as, consciente de seus limites, colaborativo e capaz de trabalhar em equipe. Em um/a profissional que estimula a curiosidade epistemológica de seus alunos e alunas e a sua própria, promove cidadania, amplia horizontes culturais e sociais, comparte saberes, valores e horizontes de sentido orientados à construção de sociedades justas e democráticas.

3.5 POR CONTA DAS RELAÇÕES MANTIDAS COM OS ALUNOS

A autora Lório (2016) aponta também que a profissão docente é marcada pelas relações existentes entre os professores e os seus alunos, e que, essas relações produzem, nos professores, sentimentos de realizações pessoais. Assim, ela fala: “a relação com os alunos, em todas as idades da carreira, é dos elementos essenciais de satisfação profissional” (2016, p. 93).

Gadotti (2000, p. 9) afirma que ser professor é manter relações, é conviver, quando assim diz: “O que é ser professor hoje? Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo, conviver; é ter consciência e sensibilidade”.

3.6 INFLUÊNCIA E/OU TRADIÇÃO FAMILIAR

Vieira (2016, p. 129) falando dos aspectos que levam as pessoas a escolherem a docência, aponta que um desses aspectos é a “influência da família”.

A família tem influência direta nas decisões do ser humano. Muitos jovens optam pela docência por perceber a realização dos seus pais e/ou de alguns entes queridos que seguiram uma carreira docente. Verdade é que alguns pais não concedem liberdade de escolha aos seus filhos, lhes obrigando a seguirem o mesmo caminho que eles seguiram, ou seja, a carreira docente.

Contudo, seja por influência ou seja por tradição, muitos acabam se encantando com a profissão docente por perceberem a realização pessoal dos seus pais e/ou entes queridos próximos.

3.7 POR VOCAÇÃO E POR AMOR

A escolha por ser professor(a) é tida por muitos como uma vocação, como uma missão, ou seja, como uma espécie de dom divino que deve ser exercida por amor e por paixão.

A teórica Vieira (2016, p. 128) afirma: “mesmo na sociedade da informação e do conhecimento é comum que os professores falem de aspectos como paixão, amor e vocação para justificar suas atividades laborativas na docência”.

Essa ideia de vocação nos remonta à Antiguidade e à Idade Média, quando as pessoas que eram escolhidas para desempenhar o papel docente, eram pessoas

que possuíam determinados atributos, como se já tivessem nascido com eles e como se fossem escolhidas divinamente, a dedo, para exercerem tal ofício.

Síveres (2015, p. 12) para completar essa visão que alguns têm, da docência como vocação, diz:

Entende-se, portanto, a importância da luz do encantamento do professor, pautado na consciência da sua personalidade, implicado no afeto e emoção da energia mediadora da aprendizagem, e qualificado pelo exercício da docência como uma missão para o bem da sua vida e o bem-estar da sociedade.

Uma vez apontados alguns dos motivos que levam as pessoas a escolherem a profissão docente, podemos perceber que, ao longo da história, mesmo com baixos salários e com condições escassas de trabalho, a docência continuou e continua prevalecendo. Ao pensar na realidade precária enfrentada pela profissão docente ao longo dos tempos, Candau (2014, p. 34) diz, “no entanto, esta realidade não impedia que o magistério fosse visto e vivido como uma profissão que valia a pena por sua importância intelectual, ética e social”, apontando que mesmo com todas as dificuldades encontradas e enfrentadas ao longo da história, a importância da docência sempre permaneceu.

É importante darmos destaque ao que diz Vieira, quando está falando sobre a escolha da docência como sendo uma decisão para a vida inteira, pois a sua fala reflete o que muitos de nós pensamos no que diz respeito ao que atrai – produz encanto – as pessoas para a docência. Assim ela narra:

Determinar um ciclo de vida, início da carreira até a aposentadoria, partindo de um elemento subjetivo, como a vocação, não é realmente fácil de explicar e deixa uma brecha para que se possa pensar até que ponto outros aspectos da existência são determinados por sentimentos subjetivos ou crenças preconcebidas. Pensar que a escolha pela carreira docente é simplista do ponto de vista de ligar dois pontos, magistério e pessoas, é desconsiderar todo um processo que passa o candidato a professor que extrapola o limiar da vocação. Não foram apenas aspectos de cunho moral e ético que promoveram a influência para o sujeito seguir pelas salas de aulas considerando que não se pode esquecer que qualquer atividade laborativa implica em remuneração o sujeito que se propõe a executá-la. Portanto há mais aspectos imbricados em todo esse emaranhado de fatos e sentimentos (2016, p. 129).

De fato, assim como pronunciou Vieira, existem muitos outros aspectos ligados aos fatos e sentimentos de cada uma das pessoas que tomaram a decisão de escolherem a docência como prática.

Oliveira, Soares e Sousa deixaram claro, nos estudos e pesquisas que fizeram, que não é tão simples apontar o que leva a atratividade (ao encanto) da carreira docente no Brasil, uma vez que essa escolha está impregnada de aspectos negativos e positivos da profissão:

O resultado da pesquisa revelou entre outros aspectos que: que se sabe muito pouco da atratividade da carreira docente no Brasil; que os achados não podem ser generalizados devido a heterogeneidade do Brasil, portanto, somente hipóteses e constatações podem ser levantadas; as razões para a escolha da profissão estão impregnadas de aspectos negativos e positivos da profissão. Como exemplo de aspectos negativos, sempre há uma associação com a remuneração. Como exemplo de aspectos positivos, são citados os valores mais altruístas dos jovens pesquisados (2011, p. 3989).

Uma vez que apontamos alguns dos possíveis caminhos que levam ao encanto pela carreira docente, iremos agora apontar alguns dos fatores que contribuem para o desencanto pela mesma.

4 COMO SE DÁ O DESENCANTO PELA PROFISSÃO DOCENTE

Muito se discute sobre o desencanto que ocorre na profissão docente, mas, quando se desencadeia esse processo? No exercício da profissão? No processo de formação do professor? Essas inquietações, provocaram em nós o desejo de adentrar nesse universo que permeia a vida profissional do docente e buscar compreender porque muitos que exercem hoje a profissão de professor, se sentem desmotivados, infelizes e doentes. Vamos elencar alguns fatores que contribuem negativamente para a permanência do docente em suas atividades profissionais.

Em muitos casos, o processo de desencanto tem como marco inicial a própria formação do professor, Nascimento e Rodrigues (2018, p. 4) são enfáticos em afirmar que “a escola se constitui como uma das instituições em que os atributos negativos se sobrepõem muito mais aos positivos e motivadores do trabalho docente”. É comum, professores universitários, desmotivarem seus alunos com

respeito à graduação em licenciaturas, externando seu próprio descontentamento no exercício da profissão. Conforme nos diz Tomazzoni (2016, p. 12):

As pessoas emprestam seu capital humano para uma organização, mas a real contribuição delas depende de sua motivação e de seu comprometimento. Pessoas motivadas dão o seu melhor. Ainda que o esforço pessoal, os valores e as circunstâncias desempenhem um papel importante, a motivação é mais influenciada pelo ambiente de trabalho. O ambiente é uma combinação da cultura subjacente - valores, rituais, processos e sistemas de organização[...] (apud MAYO, 2003, p. 148).

Esses professores descrevem um cenário desolador, desde a desvalorização da profissão, baixos salários, falta de material adequado para o exercício da profissão, desinteresse dos alunos, falta de apoio dos pais, violência em sala de aula etc. Essa gama de informações atinge o aluno, deixando-o completamente atordoado, criando uma série de questionamentos com respeito à graduação.

O fato é, que nos primeiros semestres ocorre uma grande evasão dos que buscam uma formação docente, além das exigências e os rigores característicos da graduação, há uma desmotivação com respeito à docência que parte do professor para o aluno, é comum o aluno na graduação ouvir comentários de alguns professores, tais como os que seguem: “desistam, vocês não são capazes; vocês não possuem o perfil para ser um professor; aproveitem melhor o tempo de vocês fazendo uma graduação que dê dinheiro; vocês vieram para a Pedagogia porque não teriam condições de conseguir uma vaga em outra área de atuação” e por aí vai. Assim nos diz Tomazzoni (2016, p. 8):

A criação de situações críticas da realidade em que vivem, deve levar os professores à conquista de políticas públicas que os apoiem e os valorizem, mas, antes disso, deve ser iniciativa da própria classe, dos sujeitos da prática educativa, dos professores e dos alunos (apud BEHRENS, 1996, p.36).

Fica difícil imaginar um profissional competente, ciente de sua profissão e desafios, vindo de um ambiente extremamente desfavorável, ainda mais sabendo que o professor na graduação, possui uma influência significativa no processo de formação do aluno, influência essa que pode ser positiva ou negativa. Não podemos deixar de citar a importância de uma educação continuada relacionada à prática da sua profissão, visto que a docência está sempre passando por atualizações e reformulações. De acordo com Nascimento e Rodrigues (2018, p. 4, apud NÓVOA,

2003, p. 23) afirma “O aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola como lugar de crescimento profissional permanente”.

Segundo Tomazzoni (2016, p. 7):

O trabalho do professor está cada vez mais complexo e exige uma responsabilidade cada vez maior. As demandas contemporâneas estabelecem nova dinâmica ao cotidiano das instituições de ensino, que reflete diretamente no trabalho do professor e de sua profissionalidade (apud GATTI et al. 2009, p. 145-146).

Outros fatores que causam desmotivação no exercício da profissão são de ordens: emocional, social e cultural. Visto que incidem diretamente no processo de ensino-aprendizagem e aproveitamento escolar do aluno, esses fatores elevam ou diminuem a motivação do trabalho do professor. Muitos dos que se formam em Pedagogia saem da universidade levando a ideia de uma educação transformadora e libertadora, porém ao se depararem com o ambiente de sala de aula, com as normas da instituição escolar, com a realidade do ser professor, percebem que não estão emocionalmente preparados para tão grande desafio. Segundo Tomazzoni (2016, p. 5):

Os saberes, a identidade profissional e as práticas formativas presentes nos cursos de formação docente precisam incluir aspectos alusivos ao modo como a profissão é representada e explicada socialmente (apud PIMENTA e LIMA, 2004, p. 66).

As Universidades, preparam os alunos para a docência, ensinando saberes e técnicas que serão aplicadas ao longo de sua vida, mas não os preparam emocionalmente para o choque de realidade que estará diante deles, choque social, cultural. O ambiente escolar “transformador e libertador” idealizado na universidade, mostra-se na realidade um ambiente embrutecedor com muitas normas, regras rígidas de controle de tempo e comportamento, exigindo do professor uma postura de autoridade e firmeza bem diferentes do que lhes foi ensinado nas universidades.

O desconhecimento da realidade da sala de aula, crianças acostumadas a uma rotina de dependência e submetidas a regras sem sentido; trabalhar em um espaço físico limitado; tudo isso junto a uma cultura de autoritarismo, de falta de participação, de cristalização do currículo e de acomodação dos profissionais, incentivam o desânimo e a evasão docente (Fonseca, 2013, p. 17).

Assim sendo, Fonseca (2013, p. 17) volta a afirmar que “esses fatores impedem a criação de novas metodologias e engessa possibilidades reais de mudança, uma vez que, sem a articulação coletiva, isso é impossível”. Diante do exposto, o que fazer? Acomodar-se com o sistema, sendo mais um autômato reprodutor de normas, conceitos e currículos engessados, mantendo-se distante da realidade dos alunos para não se envolver ou abandonar a docência e tentar outra profissão menos “sofrida” e mais “compensadora financeiramente”?

Essas perguntas permeiam a realidade do professor, quando o choque de realidade passa, vem à lembrança o que alguns professores falavam no período de formação acadêmica da realidade que os aguardava no mundo fora da universidade, contemplam a falta de recursos apropriados para um bom desenvolvimento das disciplinas em sala de aula, veem com seus próprios olhos a desvalorização da profissão docente, desvalorização essa que começa com o próprio governo que retira e nega direitos ao professor, lhe paga baixos salários, obrigando-o a longas jornadas de trabalho em vários turnos e em várias instituições para ter um salário digno.

Percebem que até entre seus pares, há uma certa presunção e desprezo, com tristeza observam que a autoridade do professor, não é mais respeitada pela comunidade, por pais de alunos, que por vezes criticam e jogam sobre o professor a responsabilidade deles de educarem seus filhos para a vida.

A insegurança, o sentir-se perdido, ou o próprio desafio são sentimentos comuns em qualquer novo ambiente, mas o estresse, adoecimento, desespero, cansaço em excesso, impotência, frustração, raiva, tristeza e medo sinalizam um trabalho extremamente desgastante (Fonseca, 2013, p. 93).

Ser professor exige muito mais que uma formação acadêmica, exige comprometimento, luta, pela preservação e prestígio da profissão, determinação para não sucumbir ao desencanto, a desmotivação que ora o confronta a todo o momento. Com respeito a isso nos esclarece Lório (2016, p. 88):

Nas sociedades contemporâneas, o prestígio de uma profissão mede-se, em grande parte, pela sua visibilidade social. No caso dos professores estamos mesmo perante uma questão decisiva, pois a sobrevivência da profissão depende da qualidade do trabalho interno nas escolas, mas também da sua capacidade de intervenção no espaço público da educação (apud NÓVOA, 2009, p. 18).

Não podemos falar em valorização profissional, sem tocar em duas questões amplamente discutidas: Os baixos salários e a falta de políticas públicas que valorizem a atuação do professor. Sabemos que nossa sociedade atribui valor a todas as coisas, mas, é inconcebível observarmos as discrepâncias com respeito a área da docência, visto ser o professor o formador do cidadão como um todo. É o professor que descortina o universo dos números, das ciências, das letras, da tecnologia, aprimora talentos, desenvolve habilidades no âmbito social, prepara estadistas, reis, imperadores, deveria ser honrado e sua profissão valorizada, mas a realidade que nos cerca é bem diferente. Segundo Lório (2016, p. 96),

A profissão docente deve ser vista numa perspectiva integral. Para tanto, é preciso recuperar o prestígio da carreira e o valor que os bons docentes têm para o país e seu desenvolvimento. É preciso colocar a profissão docente como tema central de política pública e educacional e como prioridade na agenda dos governos. Por fim, há que investir e investir bem no fortalecimento da profissão docente [...] (apud CAMPOS, 2007, p. 17).

A falta de políticas públicas sérias, que de fato valorizem a profissão docente, criam uma barreira de desmotivação difícil de ser transposta, porque atinge diretamente o professor como ser racional, conhecedor de seu potencial, de suas habilidades e competências. Essa desvalorização põe em xeque todo o tempo dedicado à formação e especialização na área docente, fazendo com que muitos desistam ao longo do caminho de permanecerem no exercício da profissão.

Além do exposto sobre a desvalorização da profissão docente por falta de políticas públicas, precisamos ressaltar que os baixos salários alimentam exponencialmente esse descontentamento, obrigando o docente a uma jornada de trabalho muitas vezes excessiva e exaustiva, o que não ocorreria, se de fato, houvesse uma conscientização do governo com respeito a esse profissional. Segundo Lório (2016, p. 104):

É óbvio que a posição na estrutura da distribuição das rendas determina a qualidade, variedade e intensidade dos consumos culturais dos docentes, assim como o acesso às oportunidades de aperfeiçoamento profissional (apud TEDESCO e FANFANI, 2004, p. 73).

Segundo Lório (2016, p. 109, apud VICENTINI e LUIGI, 2009), no relatório sobre o Perfil Profissional Docente no Brasil, Lório (2016, p. 109, apud FLEURI,

2015), enfatiza que, 87% dos professores brasileiros estão insatisfeitos com os salários recebidos, por serem incompatíveis com a complexidade do trabalho realizado. Como nos diz Lório (2016, p. 109):

A insatisfação dos docentes com a remuneração recebida é histórica. Em distintos períodos os professores mostraram indignação com o salário recebido, o que vem desencadeando, há algumas décadas, a reduzida adesão à profissão docente e a baixa atratividade aos cursos de formação de professores (apud GATTI, 2014; ALVES e SILVA, 2013).

Realmente como continua nos dizendo Lório (2016, p. 109, apud IÓRIO, 2015), “é preciso considerar que, a remuneração pelo exercício do magistério expressa, historicamente, o valor da docência, inclusive, em termos de reconhecimento simbólico”.

Procuramos nesse breve relato elencar alguns fatores que causam a desmotivação, a desistência do profissional docente no exercício da função. Acreditamos que esses fatores, associados aos índices cada vez mais frequentes de violência nas escolas, desestimulem e reduzam o interesse de investir na formação de professor ou de continuar na profissão. Ser professor já foi sinal de status social, ele era respeitado, valorizado pelo estado e pela comunidade.

Infelizmente, em pleno século XXI, o que se vê é uma completa inversão de valores. O estado prepara o docente, mas não lhe dá o apoio logístico necessário; exige trabalho e resultados, mas não lhe concede salários dignos, nem resgata sua autoridade perante a sociedade, pois são submetidos a excessivas horas de trabalho, são hostilizados por pais e alunos da comunidade. Continuar professor diante desta realidade é uma questão de luta e resistência.

A luta para sobreviver em um país de milhões de desempregados, torna-se a principal motivação para continuar. Mais do que uma educação transformadora e libertadora, o que vemos hoje é a luta de uma classe que insiste em se manter de pé mesmo diante do descaso que presenciamos todos os dias.

Agora que apontamos alguns fatores que contribuem para o desencanto da profissão professor, abordaremos um pouco sobre a temática do mal-estar docente.

5 COMO SE DÁ O MAL-ESTAR DOCENTE

A partir da década de 90, quando o mundo do trabalho sofreu mudanças significativas, segundo Silva (2011, p. 5, apud ZARAGOZA, 1999) a complexidade da profissão docente aliada a novas exigências profissionais desencadeou o que Zaragoza denominou de mal-estar docente. Conforme Silva (2011, p. 5, apud ZARAGOZA, 1999, p.13) “os professores se encontram ante o desconcerto e as dificuldades de demandas mutantes e a contínua crítica social por não chegar a atender essas novas exigências”.

Silva (2011, p. 5, apud ESTEVE, 1991, p. 100) em sua pesquisa sobre o mal-estar docente, enumera doze indicadores básicos para resumir as mudanças ocorridas na área da educação. São eles:

1. Aumento das exigências em relação ao professor;
2. Inibição educativa de outros agentes de socialização;
3. Desenvolvimento de fontes de informação alternativas à escola;
4. Ruptura do consenso social sobre a educação;
5. Aumento das contradições no exercício da docência;
6. Mudança de expectativa em relação ao sistema educativo;
7. Modificação do apoio da sociedade ao sistema educativo;
8. Menor valorização social do professor;
9. Mudança dos conteúdos curriculares;
10. Escassez de Recursos Materiais e Deficientes condições de trabalho;
11. Mudanças na relação professor-aluno;
12. Fragmentação do trabalho do professor.

A profissão docente tem atravessado momentos complexos em sua jornada, Silva (2011, p. 2, apud NÓVOA, 2002, p. 57) diz: “os professores são criticados por não garantirem na escola aquilo que a sociedade não consegue fora dela”.

Ao longo deste artigo, nós falamos sobre o encanto de ser professor, do desencanto da profissão e agora abordaremos outra questão extremamente preocupante, a doença do professor, o mal-estar docente ou como é popularmente conhecida: A Síndrome de Burnout. Esse mal-estar leva ao estresse e ao esgotamento que associados às muitas exigências sobre o professor, no âmbito profissional e social, desencadeiam uma série de complicações. Segundo Silva (2011, p. 4):

Burnout foi o nome que se encontrou para falar da desistência do trabalho. E esta desistência tem diversas formas de manifestação. Trata-se de um problema que afeta não apenas determinados países, ou determinada realidade educacional, cultural ou social, mas já é reconhecida pelos pesquisadores como uma epidemia internacional (SILVA apud CODO, 2006, p. 249).

Por conta dessa situação que afeta o professor, Silva (2011, p. 3, apud CODO, 2006; ESTEVE, 1999) apontam em suas pesquisas que os problemas emocionais como estresse e Burnout são consequências do desgaste diário ao qual o professor se submete no relacionamento com seus alunos. Silva (2011, p. 3, apud LANDINI, 2006) afirma que a sobrecarga de trabalho burocrático, a precarização do trabalho docente, a perda de autonomia, o contexto socioeconômico e as condições de vida dos alunos aparecem como os principais fatores que afetam professores.

São pontuadas nas pesquisas de Mendes et al (2007) e Lima e Lima-Filho (2009), “fatores como intensa exposição a agentes de risco, convivência com alunos e violência nas salas de aulas, excessiva burocratização, infraestrutura dos prédios, deficiência de recursos humanos e materiais”. Eles ressaltam também que, esta situação se dá “sobretudo em instituições de ensino superior público, a falta de flexibilidade no horário de trabalho”. Além disso, Santana (2016, p. 3, apud SEABRA, SILVA e DULTA, 2015, p. 216), destaca:

[...] o aumento do uso do tempo com atividade laboral no fim de semana, caracterizando, mais uma vez, a intensificação do trabalho e mostrando que os docentes têm diminuído as horas dedicadas a atividades como lazer, recreação, de convívio familiar e de descanso. O lazer é uma das principais ocupações do indivíduo, sendo considerada uma atividade realizada sem obrigações de ser produtivo, que proporciona relaxamento e crescimento pessoal.

No contexto social, as péssimas condições para o exercício da docência, as frustrações diante da impossibilidade de se realizar na profissão, são fatores que têm desmotivado e levado muitos profissionais a se acomodarem; por outro lado, os docentes que assumem seu trabalho com o compromisso que a docência exige, sofrem com o desinteresse dos alunos em aprender. É neste dilema que se encontra a raiz de suas angústias e de sua dor. Por conta dessas situações, o professor adoece e muitos desistem de sua profissão.

Outro fator importante é a questão dos baixos salários, uma vez que se tem conhecimento dos embates da educação com o governo no que se refere a uma remuneração digna. Todo profissional almeja o reconhecimento social e financeiro de sua profissão. A falta de reconhecimento da importância do trabalho docente e a desvalorização do professor, nos obrigam a refletir sobre as motivações e circunstâncias que levam o educador a abraçar uma carreira tão desprestigiada socialmente. Acreditamos que pode haver no futuro uma crise por falta de profissionais para o trabalho educacional, pela desmotivação, desprestígio, pelo desinteresse ou pela desistência da profissão. Com respeito aos salários Silva (2011, p. 6) nos diz:

Se não se promoverem, em termos de salários, os professores que se encontram efetivamente no ensino e se não se melhorar a sua imagem social, a batalha das reformas dos sistemas de ensino ocidentais será perdida por um exército desmoralizado (SILVA apud ESTEVE, 1991, p. 105)

Ainda conforme Silva (2011, p. 3, apud CODO, 2006), a síndrome de Burnout, pode apresentar três fatores independentes, mas, que podem interagir associados, são eles: despersonalização, exaustão emocional e baixo rendimento no trabalho.

Silva (2011, p. 2, apud CODO, 2006) nos esclarece que na literatura internacional não existe uma única definição sobre Burnout, porém, há conceitos que apontam para a ideia de que seria uma resposta ao estresse laboral crônico, mas, segundo ele, não deve ser confundido como tal. Existem diversos conceitos que foram destacados e agrupados por Codo (2006) em sua revisão da literatura internacional disponível no momento de sua pesquisa. Segundo Silva (2011, p. 2):

Freudenberger, a partir de uma perspectiva clínica, considera que Burnout representa um estado de exaustão resultante de trabalhar exaustivamente, deixando de lado até as próprias necessidades.

Malasch e Jackson, representando uma abordagem sociopsicológica da síndrome, apontam como o estresse laboral leva ao tratamento mecânico do cliente. Burnout aparece como uma reação à tensão emocional crônica gerada a partir do contato direto e excessivo com outros seres humanos[...]. Podemos resumir a situação da seguinte maneira: o trabalhador se envolve afetivamente com seus clientes, desgasta-se, não aguenta mais, desiste, entra em Burnout.

Cherniss, a partir de uma perspectiva organizacional, argumenta que os sintomas que compõem a síndrome do Burnout são respostas possíveis para um trabalho estressante, frustrante ou monótono.

Sarason, representando uma perspectiva sócio-histórica, considera que, quando as condições sociais não canalizam o interesse de uma pessoa para ajudar a outra, é difícil manter o comprometimento no trabalho de servir os demais (OLIVEIRA apud CODO, 2006, p. 241).

O professor, segundo Silva (2011, p. 3) trabalha com o ser humano, seu objetivo é a aprendizagem, mas, cabe também ao mesmo, cuidar do desenvolvimento do outro, porque a base de seu trabalho é de aspecto relacional, criando assim, uma afetividade entre o professor e aluno, essa afetividade leva o aluno ao desejo de aprender.

A despersonalização ocorre, para Silva (2011, p. 3, apud CODO, 2006, p. 242) quando o professor deixa de perceber o outro ser humano. É preciso manter o equilíbrio, a lucidez, isso tem se tornado comum, quando o professor observa completo desinteresse dos alunos em aprender, isso faz com que o professor passe a criar atitudes negativas, fazer críticas aos alunos, agindo por meio do cinismo ou dissimulação afetiva. Quando isso ocorre, na visão do professor, o fracasso do trabalho sempre é culpa dos alunos. Neste sentido, para Silva (2011, p. 3), é possível dizer que Burnout é o dilema do professor com respeito ao que pode realmente fazer e o que efetivamente consegue fazer.

Sendo assim, o que entendemos é que a síndrome de Burnout é uma desistência da profissão. “O docente não encontrando mais sentido em sua realização desiste dela sem se dar conta” (Silva, 2011, p. 3). Acreditamos que no futuro pode se tornar mais frequente o número de professores afetados pela síndrome no exercício da docência. Se isso vier a acontecer, pode acarretar na desistência destes profissionais em continuar o seu trabalho de cuidar do desenvolvimento do outro, causando imensos transtornos a área educacional.

Silva (2011, p. 4, apud CAMANA, 2007) falando com respeito ao sofrimento do professor, afirma: “além de afetar um número significativo de pessoas, traz

consequências como: absenteísmo, diminuição da qualidade pedagógica do trabalho docente e sofrimento humano”.

Pouco se divulga o momento profissional exato em que se dá o desprazer, o mal-estar, que normalmente vem mascarado por um diagnóstico médico:

O sofrimento do professor é relegado ao registro da doença e imputado a uma fraqueza da pessoa. Erro de diagnóstico, é óbvia a necessidade de desvelar tal segredo a fim de libertar os professores doentes da profissão que eles amam (SILVA, 2011, p. 4 apud CAMANA, 2007, p. 96).

Diante do exposto, a respeito dessa doença que tem acometido o professor, ainda no exercício de sua profissão, esperamos políticas públicas voltadas para esta questão, que tem destroçado silenciosamente os profissionais da educação. Os professores precisam de cuidados, pois trazem consigo a expectativa de contribuir com o desenvolvimento da sociedade, mas, é preciso aliviar o sofrimento dos educadores afetados pelo esgotamento. Se faz necessário um programa de reabilitação e também de prevenção contra essa enfermidade que permeia o universo docente.

As consequências do mal-estar docente podem acarretar graves prejuízos para o sistema de ensino, se pararmos para pensar que há um sério risco de não termos pessoas interessadas em viver desta profissão. É preciso lidar com esta questão com extrema seriedade, pois a desvalorização profissional e os baixos salários, desmotivam e desacreditam o trabalho de ser professor, mas, por falta de opção, acabam continuando e adoecem.

Neste sentido, enfatizamos que atenção, cuidado, carinho, reconhecimento e respeito com a profissão docente, significam, também, valorizar o professor e a pessoa. Quando protegemos os profissionais da educação com medidas preventivas, com um programa de reabilitação, um programa de valorização e resgate da profissão docente, estamos fazendo um investimento para o futuro, que possibilite uma educação com qualidade, composta por professores capacitados intelectualmente e emocionalmente, que se sintam valorizados na profissão que escolheram e tenham prazer de serem efetivamente participantes no processo de desenvolvimento do outro. Afinal, a docência é a profissão que gesta todas as outras profissões.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escolher ser professor em um país de desigualdades sociais e que não prioriza e nem valoriza uma educação de qualidade não é fácil, mas, ainda assim, houve um tempo, em que ser professor era a aspiração de muitos jovens (alguns poucos ainda são remanescentes nessa aspiração). Sentiam-se orgulhosos em ter um parente ou amigo professor, sonhavam ensinar e fazer a história, serem participantes ativos no desenvolvimento do outro e da sociedade, mas, os tempos mudaram e com essa mudança, o ser professor deixou de ser um sonho, tornou-se uma profissão como outra qualquer, sem atrativos, sem brilho, perdeu visibilidade, perdeu motivação, o que temos hoje é, uma educação complexa, que cobra resultados e sobrecarrega o docente, que não lhe oferece condições materiais para desempenhar um trabalho de qualidade, mas, oferece uma jornada de trabalho exaustiva e baixos salários.

O professor se vê obrigado a trabalhar em várias classes com turmas extensas e em alguns casos em mais de uma escola no mesmo dia para complementar a sua renda. Não é difícil encontrarmos professores desanimados, acomodados, sem perspectivas quanto ao futuro. Porém, ficamos surpresos, com o mal-estar docente, causado pelo estresse, pelo desgaste que se dá entre professor e aluno, juntamente com as desigualdades sociais e as cobranças impostas pela complexidade da profissão.

Compreendermos que a síndrome de Burnout é a desistência da profissão, que o professor perdeu o sentido de realização ao desempenhar seu trabalho, nos faz refletir sobre o tipo de futuro que almejamos para os nossos filhos.

Nossa sociedade busca o imediatismo, estamos na era da informação e aparato tecnológico, o desinteresse do aluno em aprender na escola tem se tornado algo corriqueiro, esse desinteresse gera um desgaste emocional muito forte para o professor, o desgaste físico, a luta pela sobrevivência dele e de sua família, a responsabilidade de se manter atualizado, conviver em alguns casos em situações de conflito e violência, ser desrespeitado e cobrado por gestores e pais de alunos e ter que apresentar resultados que satisfaçam a ambos, culminam em um profissional

doente. O que fazer diante de um quadro tão complexo e triste? Cuidar! O professor precisa de cuidados, precisa se sentir valorizado, motivado, perceber que, mesmo nesse momento de crise, não está sozinho.

Mas, para que as coisas melhorem é preciso haver outra mudança, uma mudança da visão do que é ser um professor, pela sociedade. Se faz necessário, que o governo de fato, olhe com outros olhos para o professor, criando políticas públicas que de fato beneficiem e cuidem da saúde física e emocional; políticas públicas que viabilizem a prevenção e, se for o caso, a reabilitação.

Devemos fazer a nossa parte, engrossando as fileiras nessa luta por uma educação de qualidade e profissionais valorizados. Não devemos e nem podemos esquecer, que mesmo vivendo em um mundo globalizado, tecnológico, nada faria sentido ou seria eficaz sem a presença do professor.

Cunha (2013, p. 14) nos aponta a complexidade, o desafio e a necessidade permanente de estudar o professor e a sua formação, nos trazendo essas palavras:

Parece que a necessidade de estudar o professor e sua formação é tão permanente quanto inexorável é a ideia de processo na sua condição humana, em sua organização social. As mudanças na sociedade definirão sempre novos desafios para a educação dos homens e, como decorrência, diferentes aportes no papel e formação de professores. Esse se coloca como um permanente desafio para a pesquisa e para a universidade. (CUNHA, 2013, p. 14)

Assim, fica posta para nós a necessidade de um olhar acurado para a profissão docente e para os rumos da sua formação.

Em nós fica a esperança de uma possível grande reviravolta por parte, sobretudo, dos governantes da nação brasileira, enxergando e tratando a docência e todo o processo educativo como sendo as meninas dos seus olhos. Pois, se de fato essa reviravolta e guinada na educação acontecer, novamente presenciaremos adolescentes e jovens encantados e atraídos pela carreira docente. Sabemos que falta muito, mas, nos resta esperar e crer que dias melhores virão sobre a nação brasileira e sobre a profissão docente, onde, ao invés de enxergarmos pessoas desencantadas pelo encanto que outrora tiveram para com a profissão, possam tornar a encantarem pelo fato do desencanto sucumbir por meio da valorização da profissão e da educação como um todo.

Entendemos que a temática aqui abordada é ampla e exaustiva, e que muitos outros fatores poderiam ser apontados. Contudo, deixamos o diálogo aberto, sabendo que muitos outros trabalhos serão tecidos e cunhados dentro da presente situação docente no Brasil.

REFERÊNCIAS

BORGES, Maria Célia; AQUINO, Orlando Fernández; PUENTES, Roberto Valdés. **Formação de professores no Brasil: história, políticas e perspectivas**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. 42, p. 94-112, jun, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639868/7431>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

CANDAU, Vera Maria. **Ensinar – Aprender: desafios atuais da profissão docente**. Revista COCAR, Belém, Edição especial, n .2, p. 298-318, ago-dez, 2016. Disponível em: <<https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/1035/677>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

CUNHA, Maria Isabel da. **O tema da formação de professores: trajetórias e tendências do campo na pesquisa e na ação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, p. 1-17, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/2013nahead/aop1096.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

Estudos e Pesquisas Educacionais. **A atratividade da carreira docente no Brasil**. Fundação Carlos Chagas (encomendado pela Fundação Victor Civita), São Paulo, dez, 2009. Disponível em: <<http://www.zerohora.com.br/pdf/15141177.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

FONSECA, Mônica Padilha. **Porque desisti de ser professora: um estudo sobre a evasão docente**. 2013. Tese (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14201/1/2013_MonicaPadilhaFonseca.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2019.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. São Paulo em perspectiva, São Paulo, Revista da Fundação SEADE, v. 14, n. 2, p. 3-11, 2000. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/wp-content/uploads/2014/07/v14n2.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

GATTI, Bernardete Angelina. **Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses**. Editora UFPR, Educar em Revista, Curitiba, n. 50, p. 51-67, out-dez, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n50/n50a05.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

IÓRIO, Angela Cristina Fortes. **Aposentadorias docentes: a permanência no magistério como um projeto de vida**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) –

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1211281_2016_cap_4.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2019.

KIMURA, Patrícia Rodrigues de Oliveira et al. **Caminhos da formação e profissionalização docente no Brasil:** desafios e perspectivas na contemporaneidade. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 01, p. 09-23, jan-jun, 2012. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2547/2040>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

NASCIMENTO, Ivany Pinto; RODRIGUES, Sônia Eli Cabral. **Representações sociais sobre a permanência na docência:** o que dizem docentes do ensino fundamental? Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 44, p. 1-16, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v44/1517-9702-ep-S1678-4634201711166148.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

OLIVEIRA, Janna Érica Paz Linhares; SOARES, Juliana Gomes da Silva; SOUSA, Raimundo Nonato. **Atratividade da carreira docente no Brasil e no mundo:** caminhos e possibilidades. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, p. 3979-3991, nov, 2011. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5502_2868.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2019.

SANTANA, José Murilo Oliveira; SANTOS, Fabyanne Wilke Costa; BARROS, Lívia de Melo. **Mal-estar e bem-estar docente:** um estudo de caso. v. 9, n. 1, p. 1-10, 2016. Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/2201/531>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Formação de professores:** aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. Revista Brasileira de Educação, v. 14, n. 40, p. 143-155, jan-abr, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Formação de professores no Brasil:** dilemas e perspectivas. Poíesis Pedagógica, v. 9, n. 1, p. 07-19, jan-jun, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/15667>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

SAVIANI, Dermeval. **História da formação docente no Brasil:** três momentos decisivos. Educação, Santa Maria, v. 30, n. 02, p. 11-26, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/3735/2139>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

SILVA, Maurina Passos Goulart Oliveira da. **A silenciosa doença do professor:** Burnout, ou o mal-estar docente. Secretaria Municipal de Educação, Guarujá, Projeto Casa do Educador, p. 1-10, 2011. Disponível em: <<https://www.unaerp.br/documentos/1464-161-454-1-sm/file>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

SÍVERES, Luiz. **O encanto e desencanto de professores no exercício da docência.** 37ª Reunião Nacional da ANPEd, Universidade Federal de Santa

Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT20-4239.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

TOMAZZONI, Daiane de Bovi et al. **Cultura do queixume:** percursos da desmotivação à motivação docente. Anais do XVI Seminário – Escola e Pesquisa: um encontro possível. Caxias do Sul, ago, 2016. Disponível em: <<http://www.upplay.com.br/restrito/nepso2016/uploads/seminario-escola-pesquisa/pdf/CULTURA-DO-QUEIXUME-PERCURSOS-DA-DESMOTIVACAO-A-MOTIVACAO-DOCENTE%20.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

VIEIRA, Maria do Socorro Tavares Cavalcante. **A escolha pela docência:** decisão para a vida inteira. Revista Semiárido De Visu, Sertão Pernambucano, v. 4, n. 3, p. 123-131, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ifsertao-pe.edu.br/ojs2/index.php/revista/article/viewFile/237/174>>. Acesso em: 25 abr. 2019.